

GOL DE LETRINHAS 16

Lendas Além da Imaginação Infantojuvenil





Ilustradora: Thainá Teles Torres

Lendas Além da Imaginação Infantojuvenil

APRESENTAÇÃO

De onde vem, ou como nascem as lendas?

Algumas pessoas dirão que elas nascem da nossa falta de capacidade para explicar as coisas com a razão e daí, nasce uma explicação fantástica que não tem relação com a “vida real”.

Será que esta explicação está mesmo correta? Vamos pensar.

As lendas do Folclore Brasileiro vieram de muitos lugares diferentes, por exemplo, do fundo dos rios, do chão das florestas, dos pastos de gado, das ondas dos mares, do brilho da lua.

Outras vieram de navio até aqui, desembarcaram na voz e na memória dos escravizados, dos colonizadores e invasores e aqui, criaram uma relação única com o que viram, ouviram e sentiram.

O interessante dessas transformações que aconteceram com as lendas, é que cada uma delas escolheu um lugar de beleza, natureza, ou uma casa mesmo para morar, ainda que dentro do armário, ou embaixo da cama. Quase todas são mágicas, tem formas estranhas, grandes poderes, ainda que causem confusão, medo e muitas trapalhadas, elas são capazes de mexer conosco, despertam emoções, risos, curiosidade, encantamento, e vamos falar mais desta palavra daqui a pouco, encantamento.

Muitas destas lendas resolveram ser mais que só lendas, elas e eles resolveram criar terras, ilhas, proteger pessoas, animais e o mundo em geral. Com isso, além de lendas, passaram a ser guardiões, benfeitores, figuras muito importantes para a construção do nosso Brasil, da nossa cultura e da nossa memória.

Mas vocês lembram da pergunta que começa esse texto? E da primeira explicação? Da falta de relação delas com a “vida real”?

Pois é, para mim, pessoalmente, essa ideia de falta de razão ou falta de relação com a “vida real” é uma grande falta de “olhos

encantados”. Lembra do encantamento que ficamos de falar mais para frente? Pois é, quando uma lenda nasce é por que nossos olhos estão encantados e encantam nossa mente, e essa se encanta com tudo que existe em volta! Somos capazes de ver e fazer nascer lendas e mitos fantásticos, pois somos capazes de realizar com elas tudo o que desejamos e não conseguimos, elas nos fazem ser capazes de imaginar o que desejamos e não conseguimos realizar, ou seja, as lendas são como nós mesmos só que encantados, maiores que nós, tão grandes quanto o mundo e a natureza.

Quando acreditamos que os encantados existem, quando são capazes de fazer suas mágicas perto de nós, nossa vida fica mais rica, nosso medo mais divertido, nosso presente mais alegre e, nosso passado fica muito mais gostoso de ser lembrado.

Leiam esse livro com encantamento, com magia e com a esperança de quem em algum lugar dessa vida, essas lendas, esses seres maravilhosos existam de verdade para nos tirar dessa razão que se repete todo dia, nos dando o direito de sonhar e de nos encantarmos sempre!

Boa leitura.

Autor: Felipe Pítaro Ramos



PREFÁCIO

Essa coletânea que chega aos nossos olhos, corações e mentes é mais um resultado das atividades desenvolvidas na Oficina de Letramento, escrita por muitas mãos que se entrecruzaram na infinita beleza da diversidade cultural brasileira. Com todas as turmas, mergulhamos nas magias e travessuras do Saci-Pererê; na coragem e determinação da Caipora, do Curupira e do Boitatá, defendendo as diversas vidas das florestas; na herança imaterial de danças, cores e encenações do Bumba Meu Boi; nos encantamentos dos moradores dos rios, a Iara e o Boto Cor de Rosa; e ainda sobrou espaço para um pouco de medo e sentimento de injustiça com a Mula Sem Cabeça, a Cuca e o Lobisomen; além dos demais personagens do folclore brasileiro que não mencionamos aqui.

Apresentar o mundo do folclore por meio de histórias, trocando leituras e ideias em círculos que se refazem todos os dias, se tornou um caminho com muitos frutos, onde crianças e adolescentes se envolveram nas ricas tradições culturais de nossa sociedade. Nesse mergulho em contos folclóricos tradicionais nos transportamos para o grande universo de mitos, lendas e personagens que transcendem o tempo e as fronteiras, que marcam a formação cultural de nossas brasilidades, onde identificamos as contribuições portuguesas, da diáspora africana e, sobretudo, dos povos indígenas, em um grande mosaico de linguagens e representações. Em outras palavras, além de mexer com as imaginações, essas histórias conectam os leitores com as raízes culturais e as crenças profundas que formaram diversas das nossas comunidades.

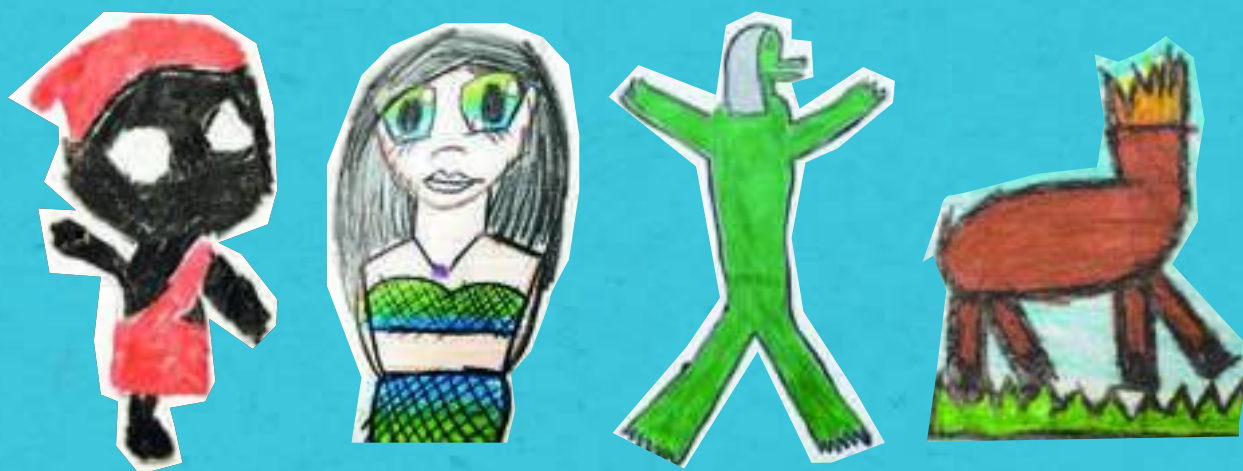


Conhecendo personagens lendários e os desafios que enfrentaram, as crianças e adolescentes também aprendem valores, lições morais e a complexidade do pensamento humano expressos nessas narrativas.

Pudemos perceber ainda que a partir da imersão nesses contos do folclore brasileiro, os jovens se inspiraram para criar histórias. Esse movimento criativo não apenas aprimora as habilidades de escrita e expressão, mas também permite que explorem sua identidade cultural de maneira única, celebrando a criatividade, como também a herança cultural, oportunizando a transmissão de valores, promovendo a diversidade e fortalecendo o senso de pertencimento. Ao explorar o folclore e, em seguida, criar suas próprias histórias, as crianças e adolescentes se tornaram participantes ativos na continuidade dessa tradição rica e vibrante.

Fica aqui um convite carinhoso para que você, que está diante dessas letras aventureiras, se lance em um mundo construído por muitas culturas, expressas nesses textos e imagens elaborados por crianças e adolescentes que se permitiram a doce liberdade de criar.

Educadora Elenise Barbosa S. Restier



COMO NASCEM OS GOLS DE LETRINHAS...

O Gol de Letrinhas é uma das principais culminâncias dos processos pedagógicos desenvolvidos coletivamente na Oficina de Letramento durante o ano. Assim, torna-se um dos mais importantes resultados das trocas entre educandos e educadores.

Tudo começa com um tema definido pela Fundação Gol de Letra, que se relaciona com as questões das realidades vivenciadas pela comunidade de modo geral. Em seguida, o tema é apresentado aos educandos.

O próximo passo é desenvolver atividades para reflexões, discussões e produções. Para tanto, utilizamos textos; livros; vídeos; filmes; documentários e demais recursos, abrindo rodas de conversas, provocando discussões e reflexões sobre o tema de abordagem e suas diferentes consequências para as vidas das pessoas.

Após a etapa de estudos e discussões, iniciamos os processos de escrita. Nesse momento, os educandos expressam por meio da língua escrita seus entendimentos, opiniões, reflexões e desabaços sobre o tema.

Em 2023, propomos que o tema do *Gol de Letrinhas 16* seja o folclore brasileiro, explorando diversos elementos da cultura popular brasileira, compartilhando narrativas de lendas centenárias e construindo outras interpretações.

A partir daqui você estará diante das grandes lendas do folclore brasileiro, contadas e recriadas por nossas crianças e adolescentes, e poderá compartilhar com outras pessoas sobre tudo o que leu e descobriu desse universo mágico! Vamos lá?



A LENDA DO HOSPITAL SÃO SEBASTIÃO

Dizem por aqui, que no hospital São Sebastião existe uma pessoa que vaga por lá, o nome dela é Zé Sebastião. Ele aparece durante a madrugada e fica sentado nos bancos do hospital, com uma bengala de madeira, falando sozinho.

Zé Sebastião usa uma gravata vermelha e um terno branco, dizem que ele fala com as almas perdidas que vagam por aí. Ele se disfarça como uma pessoa normal para não ser reconhecido pelos moradores da região, pois ele tem medo de que não o respeitem.

Mas Zé Sebastião é só uma pessoa solitária que quer fazer amigos para poder conversar. Ele é do bem e gosta de ajudar todo mundo que o pede ajuda.

Autores: Alan Santos Bizerra e
Pedro Aguida Galdino | Turma D



SACI: O MELHOR AMIGO DA FAVELA

Todos gostavam e queriam fazer vídeo com o Saci, porém tinham que fazê-lo sorrir, senão, na certa, era redemoinho na favela toda, mas depois de muitos redemoinhos, infelizmente todos começaram a ter medo do saci. Porém, com o passar dos anos, felizmente o pessoal se tornou mais amigo do Saci, e ele passou a falar até com quem não conhecia. O Saci começou a jogar bola todos os dias com os moradores; na hora do futebol, o redemoinho era certo! Ele fazia a bola voar muito alto e depois, quando descia, a bola batia no chão, fazendo um barulho engraçado. Quando ele chutava a bola, dava um mortal misturado com o redemoinho. O Saci era o melhor do futebol e também o melhor amigo da favela.

Autor: Daniel Felipe de Araújo Roza | Turma G



LENDA DA MENINA QUE VIRA GATA

Dizem por aí que uma menina chamada Laura, que tinha os seus cabelos ruivos e olhos castanhos, poderia se transformar em uma gata com poderes mágicos de cura. Toda vez que alguma criança do Caju se machucava, Laura esperava anoitecer para se transformar na gata mágica e entrar na casa da criança. Enquanto a criança machucada dormia, Laura colocava uma folha em cima da ferida, isso fazia com que o machucado fosse sarado rapidamente.

Autora: Isabelly Sanches Conceição –Turma D



A MULHER DA FLORESTA

Ana Maria era uma mulher que virou a personagem principal de uma lenda urbana muito antiga. Ela morava no meio da floresta, em uma casa que encontrou abandonada e a transformou em seu lar. Ana tinha cabelos grandes e castanhos, geralmente usava vestidos brancos, vivia isolada na floresta, convivendo apenas com as plantas e os animais. Todo mundo achava que ela era má, pois não gostava de ter contato com ninguém e não saía da floresta por nada. Mas Ana só era ruim com aqueles que entravam na floresta para maltratar os animais, quem Ana perseguia e assustava até ir embora. O medo que as pessoas tinham de Ana Maria aumentou quando ela adoeceu, pois sua pele empalideceu, seus cabelos caíram e ela ficou muito magra, devido ao câncer terminal que desenvolveu. Há quem diga que o espírito de Ana ainda vaga pela floresta, espantando aqueles que não respeitam a Mãe Natureza.

Autora: Ana Clara Souza Mathias – Turma I

Co-autores: Estefany Ellen da Silva, Maria Alice Sonsine Santos e Sara Vitória Menezes Ferreira – Turma E

SACI, CURUPIRA, CAIPORA E IARA

Saci e Curupira são amigos, ambos têm 13 anos, eles são zoados na escola.

O Saci, por ser brincalhão, participa da turma do fundão, enquanto o Curupira permanece sendo o mais quieto e continua amando os animais.

O Curupira tem uma irmã, ela tem 10 anos e se chama Caipora, é mais brincalhona que o Curupira, porém o Saci é ainda mais brincalhão que ela.

O Curupira e o Saci estão no oitavo ano do ensino fundamental, enquanto a Caipora está no quinto ano. Ela tem uma amiga chamada Iara, que é a mais esperta dos quatro e pratica natação em um clube, Iara sempre diz que o mar é a sua paixão, mas fica triste com tanta poluição.

Autor: Nathan Matos Viana – Turma F



COMO DEVE SER A VIDA DA IARA NO CAJU

Se a Iara estivesse por aqui no Caju a vida dela deveria ser assim: ela iria ter uma casa com laje e com duas caixas-d'água ou mais e deveria ter uma casa bem espaçosa e bonita também. Ela iria morar no P.A e sua casa deveria ter uma piscina de 5000L e ela teria uns 23 anos de idade. Ela teria amigos e não seria a vizinha fofoqueira da vizinhança, também não seria barraqueira, pois seria uma pessoa muito tranquila. Ela iria à praia ou a uma cachoeira todo final de semana. E ela poderia ter um aquário e deveria trabalhar na Cedae e ganharia muito bem.

Autor: Leonardo Anderson Manú da Silva – Turma I



A LENDA DO ORFANATO

Em um orfanato muito antigo, viviam cerca de 60 a 80 crianças de diversas idades, e havia uma lenda que rodava por todo o orfanato: a lenda dizia que o barulho cujas crianças ouviam durante a noite era da antiga enfermeira do Orfanato, que andava pelos corredores em busca de crianças para matar.

Certa noite, um menino estava conversando com seus amigos dentro do quarto, contando histórias de terror; quando, de repente, um de seus colegas escutou um barulho de passos no corredor, mas eles ainda não sabiam da lenda da enfermeira. Os meninos ficaram com medo dos barulhos, pois nenhuma criança podia ficar nos corredores durante a noite.

Um de seus colegas falou que não tinha medo de nada, porém todos duvidaram dele. Corajosamente, o menino se levantou e foi ver quem havia feito o barulho; mas depois disso o menino sumiu misteriosamente e nunca mais ouviram falar dele.

Em outra noite, durante o horário em que todas as outras crianças dormiam, outro menino, que também não acreditava na lenda, decidiu descobrir a verdade, pois não conseguia acreditar que algo ruim aconteceu com seu amigo. Então, foi aos corredores e aguardou que a “tal” enfermeira aparecesse. Na manhã seguinte, seus colegas e os responsáveis do Orfanato, estavam à procura do garoto. Procuravam por toda parte e, até hoje, ele nunca foi encontrado. Há boatos de que ele foi morto pela antiga enfermeira.

Autora: Gabrielly Rodrigues Alves – Turma J

Co-autores: Leonardo Anderson Manú da Silva, Miguel Silveira Camilo, Matheus Caterinque da Conceição e Ruan Pablo Pinto dos Santos – Turma I



O ESPELHO AMALDIÇOADO

Há muito tempo, existia um grupo de amigos que eram bem aventureiros. Um dia eles encontraram um prédio abandonado, e uma menina do grupo falou: “duvido vocês passarem a noite nesse prédio!”, eles propuseram uma condição: se eles conseguissem, a menina teria que pagar 3 pizzas para cada um. A menina aceitou e eles seguiram para o tal prédio abandonado.

Estava tudo indo bem, até dar 3 horas da manhã, quando uma pessoa foi ao banheiro enquanto o restante estava aguardando na garagem. O garoto ouviu um barulho, e quando ele saiu, uma luz bem forte o cegou, e ele foi parar dentro do espelho. Os amigos ouviram o grito e foram ver o que aconteceu, foi quando viram seu amigo preso no espelho. Eles se assustaram, pegaram o espelho e fugiram. Do lado de fora, eles entraram no carro e conseguiram fugir, quando estavam longe o garoto voltou a ser humano. O grupo de amigos destruiu o espelho em mil pedacinhos, para que mais ninguém ficasse preso nele. Depois disso, nunca mais passaram perto do prédio abandonado.

Autor: Nathan Matos Viana – Turma F



O CURUPIRA CHAVOSO

O Curupira do Caju é cadeirante, e a maior fraqueza dele são as escadas e rampas. Ele sempre usa uma Juliet e só anda trajado. Mas quando a lua cheia aparece, o Curupira vira o menino gato, e se junta com seus amigos Corujitas, Largatixo, seu chefe Batman e o Homem Aranha, para derrotar o “Fofão”, o grande vilão do Caju. Geralmente eles o derrotam facilmente.

Mas outro dia, o Curupira estava dormindo e escutou um barulho muito alto, ele se transformou no menino gato e foi ver o que estava acontecendo. Era o inimigo, “Fofão”, ele voltou muito mais forte, e foram dias e mais dias de luta, então, finalmente Curupira e seus amigos conseguiram derrotá-lo e foi um ótimo final.

Autor: Döminy César Lima Domingas – Turma H



A PROTETORA DOS INOCENTES

Essa lenda é sobre uma bela garota, guerreira, de cabelos longos e pretos, tinha olhos puxados e se chamava Iracema. Ela fazia inveja a muitas pessoas, pois além de sua beleza, ela também tinha uma família muito feliz e unida.

O pai de Iracema sentia muito orgulho dela, mas estava preocupado pois não havia nenhum pretendente à altura de sua filha em seu vilarejo, e ela já estava com idade para se casar.

Certo dia, o pai de Iracema foi convidado para um casamento e lá reencontrou um amigo de longa data que não via há muitos anos. Esse amigo tinha um filho da mesma idade de Iracema, e que também não tinha com quem se casar.

Os dois homens acertaram o casamento entre os filhos, porém quando Iracema ficou sabendo que estava de casamento marcado não aceitou. Iracema nunca quis se casar, então ela armou um plano para fugir antes do casamento arranjado por seu pai.

No dia marcado Iracema foi embora, mas no caminho encontrou com o seu noivo e a família dele, que fizeram de tudo para impedir a sua fuga. Enquanto era perseguida, Iracema atravessou a rua correndo e, sem olhar, acabou sendo atropelada e morreu na hora.

Depois disso, seu espírito passou a vagar pela cidade e agora a guerreira vive batalhas em outro mundo, guardando sua cidade de entidades malignas. Protegendo, principalmente, os descendentes da sua família que ainda vivem ali.

Autor: Isabelly Caetano Simões de Oliveira – Turma H

COMO SERIA O CURUPIRA NA MINHA CIDADE?

O Curupira se estressaria muito, porque aqui tem muitas pessoas que maltratam os animais, queimam muitas árvores ou até mesmo as destroem, fazem tudo aquilo que sabem que não é bom. Obviamente, todos devem saber que ele é quem protege os animais e as florestas.

Na primeira vez que ele visse uma pessoa maltratando sua floresta, o bicho iria pegar.

Autor: Kauã Rodrigo Araújo dos Santos – Turma F



O POLVO GIGANTE

Um menino chamado Gabriel sonhava com um polvo gigante, ele dizia para os seus pais que quase todas as noites ele sonhava com o monstro marinho. Certo dia, Gabriel estava passando muito mal, seu pai lhe perguntou o que havia acontecido e ele disse:

- Estou com uma dor de cabeça e um pouco de febre, pai.

Mais tarde, o pai do menino ligou para um médico particular, passaram alguns minutos e o médico chegou ao local. O doutor perguntou o que Gabriel sentia e ele respondeu:

- Medo e dor de cabeça.
- Medo de quê? – perguntou o médico.
- Polvos gigantes, porque tenho pesadelos todas as noites com eles.
- Vou te passar um remédio, se não melhorar me ligue, ok?
- Sim, ok. – respondeu o menino.

Ainda pela madrugada Gabriel foi para sua cama. Após conseguir dormir, ele começou a ter pesadelos, mais uma vez com o monstro marinho. No sonho o polvo puxava Gabriel para as profundezas do oceano e o polvo o enrolava e fazia com que ele se afogasse.

Até hoje ele tem trauma disso.

Autor: Gustavo Brito de Oliveira – Turma J

Co-autores: Alexsander Jhuniur Lima Silva, Luis Fabiano José da Silva – Turma E, Robert Felis da Silva – Turma F



A REDENÇÃO DO CORPO SECO

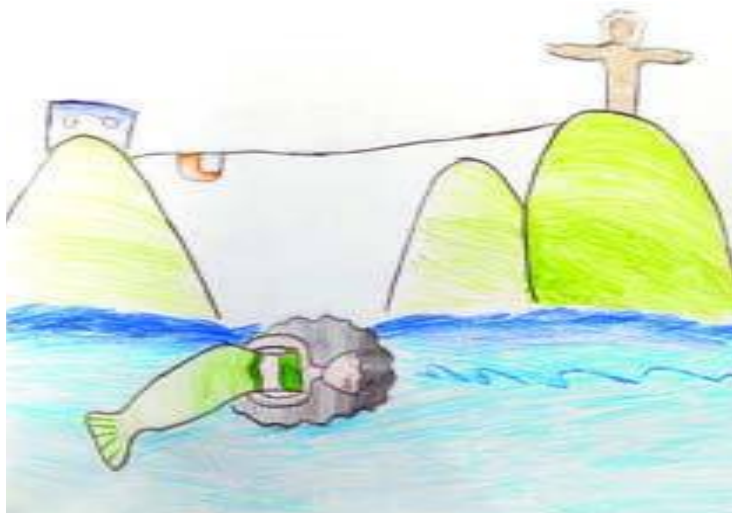
O Corpo Seco morava em Copacabana, tinha 37 anos de idade, e sempre ia visitar a comunidade do Caju. Ele trabalhava na padaria como caixa, ganhava um salário-mínimo por mês, e entrava no corpo de todo mundo que ele não gostava. Certo dia, chegou atrasado em seu trabalho e foi demitido, no dia seguinte, resolveu trabalhar na praia perto de onde ele mora, em Copacabana, vendendo água de coco e cachorro-quente em sua barraca. Até que ele viu um garotinho se afogando em alto-mar, o Corpo seco rapidamente fechou sua barraca e foi salvar o menino. Ele nadou, nadou e por fim, conseguiu resgatá-lo. Todos aplaudiram e o chamaram de herói.

Autor: Alexsander Jhuniur Lima da Silva – Turma E

IARA NO RIO DE JANEIRO

A Iara do Rio mora no Caju. Como na cidade não tem rios, ela nada nos esgotos, sempre com um Juliet no rosto. Iara trabalha numa peixaria e vive dando em cima do corpo seco, mas ele não a quer, pois ela é muito fofoqueira e vive falando da vida dos outros. Gosta de estudar e também do Caju. Ela queria comprar um celular da marca mais cara, mas não tinha dinheiro para poder comprar, era por isso que ela dava em cima do corpo seco, já que ele é rico e tem até carros de luxo. Sempre ia para todas as festas do Caju de crianças, adultos, adolescentes, etc. Gosta de sopa, de salada, carne, frutas, legumes, vegetais, sorvete, água, suco. Tem cabelos castanhos, olhos pretos, pele morena, uma cauda grande e forte de cor roxa. Apesar de todos dizerem que ela cozinha mal – e ser verdade – Iara adora cozinhar. Dança um pouco bem. Essa é sua vida no Rio de Janeiro, estudiosa, gulosa, bonita, cozinheira, interesseira e etc.

Autor: Evellyn Ketely Dinivo Ferreira – Turma E



A LENDA DO NOVE GALO

Em um local do Caju chamado Nove Galo, contam uma história bem especial. Dizem que o lugar recebeu esse nome por causa de um dos seus antigos moradores, um ser mágico, cuja aparência era de galo.

Esse galo protegia todas as crianças do local, ele as defendia dos cachorros da rua, dos carros e das motos que passavam, para não haver atropelamentos, e de todos os perigos que o local apresentava.

Para fazer esse trabalho tão difícil, o galo se multiplicava em nove. Com isso, ele podia ajudar ainda mais crianças e salvar todas elas. O galo também ficava mais rápido quando ativava seus poderes. Porém, dizem que ele morreu de velhice e não mora mais lá.

Autor: Erick Levi Guimarães da Silva- Turma D.

O CORPO SECO DO MORRO

Já faz 30 anos que muitas pessoas sofreram e até morreram, tudo graças ao meu pai. Ele não vivia uma vida boa, não andava no caminho certo e muito menos era uma pessoa correta. O nome dele era João, ele sempre roubava e incriminava outras pessoas, até mesmo fingindo um roubo. João tinha dito para o chefe do morro que um cara tinha roubado o relógio dele, mas minutos antes, meu pai entrou na casa desse cara e rapidamente escondeu o relógio em seu armário. Quando o chefe do morro escutou meu pai falar, mandou que toda a casa do acusado fosse revistada, quando encontraram o homem, não perguntaram nada, só sumiram com ele, seus familiares permaneceram calados por causa do medo. A mãe do acusado foi se manifestar e falar o que estava acontecendo, mas os donos do morro não estavam com paciência, porque não admitiam roubo no morro deles. Mas a família não aceitou a morte dele, e por isso ele não descansou e permaneceu vagando pelo morro. Ele ficou com tanta raiva, que não foi para o céu e nem inferno e virou um “Corpo Seco”. Vagou até decidir o que ia fazer, então decidiu que queria vingança. Ele tirou a alma do meu pai, mas meu pai não morreu e ficou na terra vendo tudo o que eu fazia, pois também virou um “Corpo Seco”, já que era uma pessoa tão ruim que foi rejeitado após a morte.

Autor: Mauricio Santos de Moraes – Turma G



KAIROES

A história que vou contar não é lida em livros normais, porque é, na verdade, uma história sobre o nosso folclore. Uma entidade que cansou de se esconder, foi para uma comunidade chamada São Sebastião, que fica no Caju. Ele era chamado de Kairoes, tinha 17 anos, estudava na escola Olavo Bilac, e era da terceira série. Tinha os pés para trás, mas, por causa de um selo da Cuca, os humanos enxergavam seus pés virados para frente. Ele se afastou da mata, pois sua floresta “mãe” foi queimada, e Kairoes se apaixonou por uma menina chamada “Beatriz”, uma garota de origem indígena, mas por ele ser uma entidade, essa segue sendo uma paixão proibida.

Autora: Maria Alice da Cunha de Lima – Turma I

O MENINO LENDAS

Em uma noite estranha, num bosque encantado, uma jovem indígena que havia fugido de sua aldeia dava à luz a um menino. Batizado com o nome Rafael, o menino foi criado na floresta e cresceu com o dom de ver seres mágicos que protegiam as matas. Sua mãe desmentia o filho e sempre dizia: “essas coisas de espíritos não existem”, mas ele jurava a ela que sim, pois conseguia ver as entidades que defendiam as florestas e os animais.

Após alguns anos, o menino e sua mãe foram morar na cidade. Ele havia feito muitos amigos em sua nova escola. Certo dia seus amigos o chamaram para brincar em um bosque, quando de repente o deixaram sozinho. Ao anoitecer, ele começou a ver os seres mágicos, como os seres das lendas, o curupira e a caipora.

O menino tomou coragem e decidiu ficar para ouvir o que as entidades tinham a dizer. Em volta de uma fogueira, o curupira e a caipora explicaram que eles só queriam defender os animais e a floresta, que não era necessário sentir medo deles, pois estavam ali para ajudar.

Depois disso, Rafael voltou para casa e não contou nada a ninguém, porém desde aquele dia toda vez que alguém comentava sobre as entidades folclóricas, o menino Rafael as defendia e jurava que elas eram espíritos do bem.

Autora: Maria Anália Braz de Lima – Turma I
Co-autores: Carlos Henrique Ferreira da Silva,
 Jhonatan Luan Manú da Silva e
 Julberto Dayves Mendes Alves Júnior – Turma E

O MONSTRO CARMESIM

Há muitos anos atrás, havia um homem que foi amaldiçoado pela lua vermelha. Por ter feito muitas maldades, toda noite ele virava um monstro aterrorizante. Ele tem a pele escura com manchas vermelhas e um olhar carmesim, e à noite aterrorizava todos os moradores. Ele era muito assustador e todos tinham medo dele.

A vizinhança, cansada de sentir medo do monstro, se uniu para tentar tirá-lo da vizinhança. Eles criaram uma armadilha: minutos antes de escurecer iriam chamá-lo para fora e jogar uma rede em cima dele, enquanto o homem ainda estivesse fraco. Mas o homem era muito esperto e antes do anoitecer ele juntou as suas coisas e fugiu, e foi assim que se tornou uma lenda que se escuta até os dias de hoje.

Autor: Alex Araújo Teixeira – Turma F
Co-autores: Nathan Matos Viana – Turma F e
 Aryane Cruz de Souza – Turma G



O HOMEM QUE VIRA SAPO

Em um belo dia, um homem estava trabalhando em um trailer, numa linda ilha, e estava descarregando seu caminhão. Havia uma lenda que na primeira lua cheia do ano um lindo homem pegaria a maldição do sapo. Mais tarde, quando a lua cheia apareceu, aquele homem sentiu algo estranho. Estava se sentindo gelado, com uma grande vontade de ir para um lago, daí veio uma escuridão no olhar dele e depois disso ele já estava transformado em um sapo. Ele saiu pulando todo atrapalhado, passou a madrugada na mata e na manhã seguinte ele voltou ao normal, mas ficou assustado. Os dias foram se passando, ele continuava se transformando e estava cansado dessa maldição, então resolveu ir atrás de um pajé para retirar a maldição. O homem foi a vários, mas ninguém conseguia resolver. Ele foi ao maior pajé da ilha, e ele lhe contou que estava com a maldição do sapo e que acreditava que só resolveria com uma reza. O Pajé fez a reza e retirou a maldição. O homem agradeceu ao pajé por estar livre e assim o lindo homem voltou a ser quem era.

Autora: Aryane Cruz Souza – Turma F

**Co-autoras: Emily Rodrigues Viana,
Viviana Honorio Rodrigues Silva – Turma J**



A LENDA DO BEM-TE-VI

Contam por aí que um pássaro bem-te-vi e seus amigos estavam numa árvore, até que um dos pássaros caiu do galho onde estava e foi parar em cima de um muro baixo. Um garoto malvado, que estava passando pelo local, vendo o pássaro abatido, decidiu jogar uma pedra em cima do animal ferido.

O bem-te-vi ficou muito triste com a situação e jurou para ele mesmo que isso não aconteceria novamente. Então, numa bela noite, o bem-te-vi se transformou em um humano e criou uma casa de pássaros, para protegê-los dos humanos malvados.

**Autora: Maria Sophia Medeiros do Nascimento -
Turma D**



A IARA DO RIO DE JANEIRO

A Iara do Rio de Janeiro, antes de se tornar uma lenda, era uma mulher comum, negra dos olhos castanhos, trabalhava em um cruzeiro que ficava atracado na Zona Portuária do Rio de Janeiro. Em um belo dia, Iara foi trabalhar, mas o inesperado aconteceu, o sinal de emergência tocou, e o cruzeiro começou a afundar. Iara pulou no mar, mas não sabia nadar e acabou indo parar no ponto mais profundo do mar. Quando Iara estava quase morrendo, a Rainha do Mar, mais conhecida como “Iemanjá”, a transformou em uma sereia.

Autor: Holiiver Alves Pereira da Silva – Turma G

A TRISTE HISTÓRIA DO CURUPIRA

Um homem chamado Carlos, que mora no São Sebastião, na comunidade do Caju, gostava muito de animais e de ir a florestas para pesquisar sobre os animais. Em um dia diferente dos outros, ele foi à floresta, pegar um animal para adotar, mas quando estava lá para pegar o animal, Carlos viu um caçador matando uns animais para comer em casa. Isso fez com que Carlos ficasse muito irritado, mas ele não podia fazer nada, pois estava desarmado. Voltou para casa ainda mais bravo e virou o Curupira, uma lenda que habitava em seu corpo, que era capaz de acabar com qualquer um que maltratasse a floresta ou os animais. Carlos, muito furioso, voltou à floresta e bateu no caçador. Depois disso, a comunidade acabou ficando com medo, após os relatos do ajudante do caçador, que contou tudo o que aconteceu naquela noite, já que o caçador, amigo dele, acabou sendo morto pelo Curupira. A comunidade queria saber quem era o Curupira de qualquer jeito. Descobriram que era o Carlos, quando uma pessoa o viu se transformando, e foi rapidamente contar para toda a comunidade ir atrás de Carlos. Infelizmente o acharam, e deram um fim nele. Depois disso, nunca mais foi visto.

Autor: Miguel Silveira Camilo - Turma: I

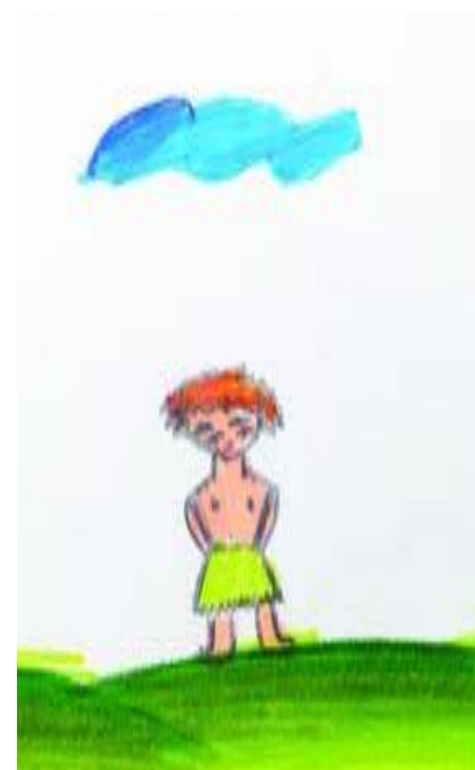


CURUPIRA X CAÇADORES

Vamos por partes. Numa caça do Curupira contra os caçadores, o Curupira estava correndo atrás deles, e conseguiu imobilizar um caçador, mas o outro utilizou uma poção mágica no curupira que o fez ser teletransportado para um lugar fora das florestas, fazendo-o parar na favela do Caju. De início, ele não entendeu onde estava e se escondeu. Depois de certo tempo escondido, Curupira começou a entender que precisava começar a conviver com aquela situação. Ele pegou umas roupas e saiu de onde estava escondido e, como estava disfarçado, ninguém suspeitou ou estranhou. Ele então planejou um jeito de sair do Caju e voltar para a floresta, tinham diversas formas, mas a mais prática seria a de invadir a base de alguns caçadores que moravam no Caju, torcendo para que houvesse uma poção que o levasse de volta.

Ele invadiu a base desses caçadores, havia vários lá, ele conseguiu lutar com todos, mas não conseguia achar a poção. Até que ele encontrou algo que brilhava muito. Lá tinha certo homem, ele era um caçador muito diferente, diferentes de todos que ele conheceu. Em um piscar de olhos, o caçador avançou e levemente cortou o curupira, ele usou seus poderes, mas nada adiantou, logo ele sabia que não tinha chances, ele sabia que ia morrer. Em uma movimentação rápida, o caçador deixa cair o frasco brilhante e uma pulseira que também brilhava. Curupira percebeu que o frasco era a poção de voltar e que a pulseira era o que fazia o caçador ser tão diferente dos outros e ter aqueles poderes. Rapidamente, o Curupira pega a poção e a pulseira, e assim o caçador não tinha mais chances. Mas o Curupira o poupa, com uma condição, que esse homem deixasse de ser caçador. Ele aceita e assim o Curupira consegue a poção e volta para a floresta.

Autor: Kaio Felipe da Silva Lima – Turma J





A HISTÓRIA DA IARA

Iara era uma linda mulher que vivia no mundo dos humanos, ou seja, vivia como nós, trabalhava, estudava, etc... Um belo dia, Iara conheceu um lindo homem. Ela o encantou com sua beleza, mas não sabia quem esse homem era. Acabou se apaixonando pelo homem, e decidiu conversar com ele, ela perguntou seu nome, e ele contou que era o Curupira, Iara se assustou e disse:

- Então é você? O grande rei da floresta?
- Sim - Ele disse.
- Como você consegue viver no mundo dos humanos assim, com os pés virados para trás? - Iara diz - Eu sou uma linda sereia que vive entre as pessoas, sem ninguém saber. Estudo, trabalho, saio com meus amigos e moro com meus pais. Eu amo viver entre eles, eu aprendo muito. Estou vendo que foi ótimo te conhecer.

Autor: Emily Rodrigues Viana – Turma J

A BELA SEREIA

Era uma vez, uma linda e bela moça, que mora no Caju. O nome dela é Juliana, ela tem 25 anos de idade, ama os animais, mas odeia os humanos, porém um dia tudo isso mudou. Ela estava na pracinha da quinta, quando de repente ela conheceu um galã, lindo e belo homem, ele a chamou de linda e ela o chamou de lindo. Quando a Juliana foi para a casa dela um cachorro a parou e começou a morder a sua perna, quando de repente o galã abordou o cachorro e começou a gritar com ele, o cachorro saiu e ele aproveitou para chamá-la pra sair, mas havia um problema, ele não tinha falado o lugar para Juliana, quando ela perguntou, ele disse que era surpresa.

No outro dia, ele levou Juliana. Como como ela estava apaixonada por ele, ela aceitou a carona e o homem tampou os olhos dela e assim eles saíram. Quando chegaram ao lugar, Juliana escutou o barulho do mar e assim que ouviu tentou correr. Acontece que o homem sabia que ela era uma sereia e queria acabar com ela, pois desde criança ele não gostava de sereias. Quando ele tentou prendê-la, ela começou a cantar e o homem começou a entrar em seu feitiço. Ela o levou até o mar, o afogou e depois disso nunca mais se apaixonou por ninguém.

Autora: Maria Anália Braz de Lima – Turma I

GATUNA DOURADA

Diz a lenda que a gatuna dourada durante a manhã é uma linda mulher de cabelos castanhos e olhos cor de âmbar. Ela mora em Mangaratiba, uma ilha cheia de gatos abandonados. Alguns dizem que seus antigos donos queriam enterrá-la, mas não sabiam onde, até que acharam essa ilha.

Depois que eles foram embora a natureza lhe deu a vida de volta e a batizou como gatuna dourada, já que ela tinha uma pelagem laranja. Além da gatuna dourada ter nascido novamente, a natureza deu a ela o poder de virar uma mulher sempre que amanhecesse.

A gatuna tinha além desses poderes, o dom de realizar o desejo das pessoas, e por isso, acabou ficando bastante conhecida. Entretanto, ela realizava os desejos daqueles que a procurava sob apenas uma condição: ela sempre vai querer algo em troca e caso você não cumprisse com a troca, a gatuna iria aparecer em algum cômodo da casa.

Geralmente, ela gosta bastante de aparecer na janela.

Se você vir um gato dourado em sua janela, você tem pouquíssimo tempo para conseguir o que ela pediu. Se aparecer um gato dourado em sua casa, novamente, esse é um alerta que seu tempo esgotou e que você vai desaparecer em poucas horas.

Ela costuma fazer essas coisas a noite, e ao amanhecer ela irá deixar uma pegada dourada dela na casa de pessoa, para avisar que passou por ali e que levou alguém com ela. Ninguém sabe de fato o que ela faz, alguns dizem que ela mata, outros que ela transforma essas pessoas em gatos.

Autor: Thainá Teles Torres – Monitora



A LENDA DO RICKSON

Ouvi falar sobre um homem que se chama Rickson, dizem que ele era um rapaz bem rico, mas ficou pobre porque fizeram uma maldade com ele. Depois de perder tudo o que tinha, Rickson passou por muitos problemas. Hoje ele é um andarilho que mora nas ruas e não costuma tomar banho.

As crianças sempre atiram pedras na direção do Rickson, isso o deixa triste. Para se defender, ele assusta as crianças e corre atrás delas, que fogem e evitam, a todo custo, qualquer tipo de proximidade com Rickson.

Autores: Luan Silva Faria de Santana, Jefferson Gustavo Sena Soares e José Davi Paiva de Azevedo - Turma B



A CRIATURA DA NOITE

A criatura da noite é uma lenda do Brasil. Dizem por aí que ela é um monstro muito perigoso que ataca as pessoas que ficam até tarde na rua. Dizem também que ele aparece de madrugada e é um monstro muito grande, peludo e coloca maldição nas pessoas. Falam que a maldição é muito perigosa, e as pessoas podem ficar muitas noites sem dormir e é certo ter muito azar. Isso aconteceu com um menino chamado Roni, que ficava até tarde na rua, mas depois de um tempo, ele virou a criatura da noite e nunca mais voltou a ser quem era antes.

Autor: Nathan Matos Viana – Turma F
Co-autores: Daniel Alves Ramos e Lucas Marques de Souza – Turma J

DIAS DE LUTA, DIAS DE LUTA, DIAS DE LUTA... UM DIA DE GLÓRIA

Saci era um menino muito bom, estudava na Fraenkel, mas dizia para sua mãe que gostaria de estudar na escola Mascarenhas. Ele não gostava de uns garotos que implicavam e batiam nele, só pelo fato de ter uma perna só. O Saci chorava todos os dias para sua mãe tirar ele daquela escola, mas chegou um dia que o diretor viu os garotos batendo nele e imediatamente ligou para a mãe dos garotos e eles foram expulsos.

Autor: Vitor Ribeiro de Oliveira – Turma G



UM LEÃO DIFERENTE

Um belo dia, um leão diferente dos outros botou um ovo do nada, e depois de alguns dias nasceu uma raposa. O leão que estava muito velho morreu, mas antes de morrer, ele deu a raposa, que tinha nove caldas, para um velho amigo dele. E depois deste velho amigo, chamado Naruto, conhecer a raposa, ele descobriu que os dois tinham algo em comum: eles amavam jogar dominó.

Autor: Leonardo Anderson Manú da Silva - Turma: I



O HOMEM ÁGUIA

Era uma vez o Homem Águia, que se sentia triste e solitário. Ele era um homem comum que foi amaldiçoado por uma mulher que se dizia ser bruxa. Ao pegar a maldição, ele virou uma águia branca e misteriosa, com as cores marrom e preta, de olhos azuis. Depois de pegar a praga, ele foi morar no pico de uma colina que fica no norte do Amazonas.

Ao voar ao seu destino, ele se deparou com um animal, o Boto Cor de Rosa, e com outras pessoas, a Sereia lara e um menino de uma perna só, o Saci. Eles conversavam o dia inteiro, e numa noite eles falaram sobre como se tornaram lendas. Então, o Homem Águia começou a contar que ele foi amaldiçoado por uma bruxa, o próximo a contar o que aconteceu com ele foi o Boto, mas ele disse que não se lembrava o que havia acontecido com ele para se transformar. O último a contar foi o saci, ele contou que antigamente tinha duas pernas. Nessa época, um homem o prendeu por roubar comida, o Saci falou que ficou preso em uma corrente de ferro dentro de uma cela, e lá caiu um vergalhão em sua perna, que o libertou, mas que o fez ficar pulando em apenas um pé.

Autor: Pedro Henrique Gouvêia de Lima- Turma: J

Co- autores: Daniel Alves Ramos, Gustavo Brito de Oliveira e Lucas Marques de Souza – Turma J



A LENDA DA MOSBIBARA

Era uma noite iluminada
A natureza não alcançava
Ela era linda como uma flor
E mais veloz que o vapor
Ela era brilhosa, glamurosa, mas
nada a para
O nome dela é Mosbibara
Uma criatura divina
Ela é uma obra prima
A natureza a chamava quando
o perigo vinha
Venha logo Mosbibara
Tudo que era perigo, ela alcançava
Cabelos brancos como a neve
Muitos perigos a persegue
Mas todos ela protege

Autora: Maria Eduarda da Silva Martins - Monitora.

CURUPIRA

Um dia, uma pessoa muito má foi em uma floresta atrás do curupira, ele se chamava Willian. Quando chegou à mata, começou a ouvir barulhos estranhos, mas o caçador continuou andando. No momento em que virou para trás, viu uma pessoa com os pés virados, Willian, então, começou a atirar em direção a essa pessoa, que era o Curupira. Mas o caçador não conseguiu acertar nenhum tiro, assim, o Curupira acabou matando Willian com uma facada.

Porém, Curupira foi castigado. Como punição ele teve que morar na favela do Caju e teria que ficar 20 anos longe das matas. Quando Curupira chegou na favela, ele acabou ficando numa cadeira de rodas, com panos em suas pernas, cobrindo os pés, para que ninguém pudesse ver que eles eram virados para trás e e assim descobrisse sua identidade. Por viver tantos anos nas florestas, quando chegou ao Caju, Curupira não sabia viver em sociedade e, por isso, não conseguiu trabalhar, virando um morador de rua.

Nos primeiros dias ele ficou tranqüilo, e ninguém reparava nele. Porém, quando completou uma semana morando no Caju, um homem acabou vendo seus pés e gritou para todos que estavam ali perto que aquele homem cadeirante era o Curupira. Quando ele percebeu, saiu correndo.

A população começou um plano para matar o Curupira, pois estavam com muito medo dele. Ele estava escondido numa casa abandonada, uma pessoa o viu, mas o Curupira decidiu matá-lo. Com isso, todos os moradores do Caju estavam assustados, e estavam atrás dele, e só algum tempo depois conseguiram achá-lo. Ele estava dormindo, e, por isso, o morador conseguiu dar uma facada nele, mas ele acordou assustado e acabou colocando fogo no morador. Assim que a punição acabou, ele teria que chegar na mata. Ele achou uma moto, mas pelo caminho a polícia começou a persegui-lo. O policial derrubou a moto dele e deu um tiro em suas costas, mas o curupira saiu correndo e despistou os policiais por causa dos seus pés virados para trás. O curupira conseguiu chegar às matas pois estava todo ferido e machucado, mas dizem que ele está nas matas até hoje.

Autor: Matheus Caterinque da Conceição – Turma I



JORNAL LENDÁRIO

CURUPIRA FOI ATROPELADO

REPÓRTER: RYAN MENEZES DA SILVA - TURMA: I

Hoje, o Curupira foi atropelado após fugir de caçadores. O único jeito possível dele fugir foi pela rodovia e, infelizmente, a entidade foi atropelada por um caminhão que passava pelo local. O motorista do caminhão alegou ter sido sem querer, que não tinha visto a lenda. O Curupira encontra-se internado no Hospital Souza Aguiar e seu estado de saúde é grave!

VOCÊS JÁ VIRAM O SACI?

REPÓRTER: ANA KELLY NUNES DE LIMA- TURMA: I

Vocês já ouviram a história do Saci? Ou viram o Saci?

Uma pessoa que não quis mostrar o rosto viu um Saci e nos forneceu uma entrevista com detalhes de sua descrição:

- Como você ficou?
- Fiquei assustado porque foi a primeira vez que vi algo assim.
- Como ele era?
- Ele tinha dentes brilhantes, uma roupa vermelha e também usava um cachimbo. Não consegui ver direito porque ele estava fazendo um redemoinho.

Se você também tem descrições sobre o Saci conta pra gente!

IARA A RAINHA DAS ÁGUAS

REPÓRTER: LEONARDO ANDERSON MANÚ DA SILVA - TURMA: I

No dia 30 de maio de 2023, nós entrevistamos a Iara, ou Rainha das Águas, como é conhecida. Ela estava lavando roupa perto de um rio e fez um apelo para pararmos de jogar lixo nos rios. Iara ainda nada pelos rios da cidade e lembra como era bom nadar nos rios da floresta amazônica, onde fica a aldeia em que nasceu.

IARA NOS RIOS DO CAJU

REPÓRTER: ANA LAYSA ANGELO - TURMA: I

Ontem, 22/08, por volta das 19h20 horas da noite, foi vista uma espécie de sereia no rio da Rua do Canal. Não é a primeira vez que ela é vista, porém suas aparições são raras. Os investigadores estão à procura de mais pistas, mas até o momento nenhuma foi encontrada.





O CORPO SECO FOI ENCONTRADO NO CAJU

REPÓRTER: ISABELLE SANTOS GREGÓRIO - TURMA: I

O Corpo Seco foi visto hoje no Matagal do Hospital de São Sebastião, uma mulher disse ter visto o Corpo Seco enquanto andava no Matagal:

- Ele olhou para mim e foi assustador, parecia que os olhos dele conseguiam ver até a minha alma...

Essa foi a descrição da entrevistada, porém apenas algumas pessoas acreditaram nela, pois dizem que não é possível que alguém ou algo assim exista.

ENTREVISTANDO O SACI

REPÓRTER: VIVIANA HONÓRIO DA SILVA - TURMA: J

Parei o Saci no Caju e perguntei se ele queria dar uma entrevista.

- Claro!
- O que você mais gosta no Caju?
- Eu gosto muito de brincar com as crianças e distrair elas com o redemoinho.
- O que você pretende fazer no Caju?
- Eu gostaria de mudar tudo, adoro esse lugar, só não moro aqui porque não tem onde morar, não tem área preservada adequada para mim.

Nesse momento uma criança veio correndo em sua direção, ele tentou correr, mas as pessoas acharam que ele precisava de ajuda.

- Não pessoal, eu consigo andar, não preciso de ajuda!



O SACI NO FUTEBOL

REPÓRTER: CAIO ROBERTO DA SILVA DE OLIVEIRA - TURMA: H

Um certo dia, o Saci estava no São Sebastião, com seus amigos, aí eu falei com ele:

- Saci, o que você veio fazer aqui?

Ele disse:

- Eu vim jogar bola com vocês.

A gente perguntou:

- Como, se você só tem uma perna?

O Saci respondeu:

- Eu já fui jogador, mesmo com uma perna só.

Então fomos jogar bola e o Saci ganhava de todo mundo, até de mim. Ele jogava muito e até jogou valendo dinheiro e ganhou. Depois nós saímos e comemos muitas coisas. No final, ele foi embora, e eu e meus amigos falamos para ele ficar mais, porém ele disse que não poderia. Nós nos despedimos dele e falamos para ele voltar sempre, ele disse que voltaria em outro dia, para jogar bola. Ficamos felizes de ter passado o dia com o Saci, ele é muito legal!



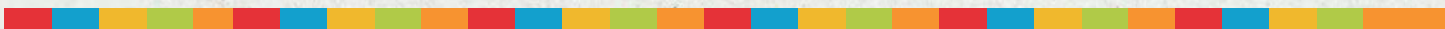
O CURUPIRA É VISTO NA “CIDADE GRANDE”

REPÓRTER

Após a floresta pegar fogo, o Curupira nunca apareceu, mas ontem o Curupira foi visto na “Cidade Grande”. Uma moça relatou que ele foi visto no dia 22/08/2023, no Bairro do Caju, e não foi só ela que deu essa versão, outras pessoas também relataram ter visto o Curupira.

Outro morador do Caju relatou:

- Eu vi o Curupira na praça, ele estava ajudando os animais, mas quando eu o chamei ele correu.



O SACI FINALMENTE FOI PEGO PELA POLÍCIA!

REPÓRTER: LEVY SAMPAIO DE LIMA - TURMA: H

Nessa madrugada, a polícia foi acionada por moradores por causa do Saci. Eles denunciaram a entidade e entregaram sua localização. A polícia conseguiu chegar a tempo, e o Saci foi preso no flagra, fazendo suas traquinagens. Durante a operação, os policiais se esconderam para poder o despistar, conseguiram pegar o gorro do Saci e pediram para ele falar a verdade. Os policiais perguntaram o porquê de tanta traquinagem e ele respondeu que só estava seguindo o exemplo dos antepassados. Que descoberta! Não existe só um saci!!



CAÇA PALAVRAS

COMO SURTIRAM OS NOSSOS CAÇA-PALAVRAS

Você sabia que no nosso vocabulário existem mais de 10 mil palavras que são de origem indígena e mais de 2 mil são de origem africana? Algumas dessas palavras estão presentes no nosso dia a dia, porém, na maioria das vezes, não sabemos qual é a origem dessas palavras e nem dos seus significados.

Para conhecer um pouco mais sobre a nossa própria língua e como ela se

formou, estudamos algumas palavras de origem indígena e africana, e a história por trás de cada uma dessas matrizes. Utilizando os conhecimentos adquiridos, os nossos alunos criaram textos com algumas das palavras estudadas, e, a partir deles, montamos Caça-palavras para você.

Aproveite para se divertir e conhecer um pouco mais sobre a nossa língua e suas origens. Ao final do livro estarão os gabaritos dos caça-palavras.

Divirta-se!!!

CAÇA PALAVRAS – INDÍGENAS | 1 |

DIÁRIO DE BORDO: VIAGEM PARA PERNAMBUCO

AUTORA: LETÍCIA DE WECK DA SILVEIRA – TURMA F

Hoje eu acordei bem cedo porque eu iria viajar para **Pernambuco**. Arrumei minha mala e fui tomar café, tomei suco de **jabuticaba** e comi **beiju**. Fui para o aeroporto, quando cheguei lá tomei um sorvete de **maracujá** e comi uma **paçoca** e fui para Pernambuco.



O GURI DO RIO DE JANEIRO

AUTOR: VITOR RIBEIRO DE OLIVEIRA
TURMA G

No Rio de Janeiro tinha um **guri** que tinha muita **pereba**, ele gostava muito de ir em um laguinho que tinha muito **jacaré**, ele também gostava muito de **maracujá** e do **mingau** que sua mãe fazia.



UM DIA DE DESCOBERTAS

AUTOR: LAURA LORENA CALAZAES DOS SANTOS LIBERTO
TURMA: J

Hoje fui visitar meus avós em sua fazenda em **Guapimirim**, lá tem muito mato e, conseqüentemente, muita **muriçoca** também. Enquanto estava brincando no jardim ouvi um canto de um pássaro, minha avó me disse que era um **sabiá**, ele era lindo, seu canto então... E as descobertas não pararam por aí. Ao longe, vi debaixo de uma árvore o que eu pensava ser um sapo. Enquanto minha avó explicava que na verdade aquilo era uma **perereca**, uma **goiaba** caiu na minha cabeça! Perto das duas da tarde fomos almoçar, e a “vó” preparou uma comida diferente, uma tal de moqueca... particularmente eu achei meio estranho, mas até que era bom. Depois, de sobremesa, comi muita **paçoca**.

Enfim... foi um dia legal e com muitas descobertas.



CAÇA PALAVRAS - INDÍGENAS | 1 |

DICIONÁRIO:

Beiju (*mbe'yu*): bolo de farinha de mandioca.

Guri (*üi'ri*): bagre novo; por extensão, criança.

Jabuticaba (*iauoti'kaya*): fruto da jabuticabeira.

Jacaré: 1. (*yá'caré*): aquele que é sinuoso, torto; 2. (*y'echá'caré*): aquele que te observa de lado.

Maracujá (*marahú-yá*): fruta da planta marahú.

Mingau (*mingá-ú*): a papa rala de mandioca cozida.

Paçoca (*pa'soka*): alimento socado no pilão.

Pereba (*pe'reua*): ferida.

Pernambuco (*paranabuka* ou *paranambuco*): fenda no mar.

Guapimirim (*agûapé'ymirim*, *agûapé*, *aguapé* + '*y*, *rio* + *mirim*, *pequeno*): rio pequeno dos aguapés.

Muriçoca (*muri'soka*): mosca que pica, dá ferroada.

Sabiá (*sauí'a*): pássaro cantador.

Perereca (*pere'reka*): ir aos saltos.

Goiaba (*a-coyaba*): ajuntamento de caroços, fruto com muitos caroços.

H	J	G	O	I	A	B	A	A	N	X	W
G	A	O	P	D	G	J	I	L	K	K	D
P	C	J	A	B	U	T	I	C	A	B	A
E	A	M	Ç	S	R	P	M	C	R	P	U
R	R	A	O	A	I	E	U	M	F	E	M
N	É	R	C	B	Z	R	R	O	G	R	I
A	H	A	A	I	D	E	I	Q	B	E	N
M	R	C	G	Á	S	B	Ç	U	E	R	G
B	E	U	N	G	D	A	O	E	I	E	A
U	R	J	T	O	C	E	C	C	J	C	U
C	F	Á	I	A	N	M	A	A	U	A	V
O	G	U	A	P	I	M	I	R	I	M	H

CAÇA PALAVRAS - INDÍGENAS | 2 |

MINHA ROTINA NO CAJU

AUTOR: GUSTAVO BRITO DE OLIVEIRA - TURMA: J

Moro no **Caju**, vou à escola de segunda a sexta e sempre passo em frente a um sacolão que vende **maracujá**, **abacaxi**, **goiaba**, **jabuticaba**, **caju** e várias outras frutas. Minha mãe cuida mais da casa, cozinhando **mandioca** e fazendo **mingau** também. Já meu pai, cuida dos animais, como os cavalos, colocando **capim** para eles comerem.

UM DIA MUITO LOUCO

AUTOR: BERNARDO ARAÚJO FREITAS - TURMA F

Em um belo dia de jogo do Flamengo, eu estava no Maracanã, mas dois caras da torcida começaram a brigar, um lutava **capoeira**, e o outro estava com **catapora**, um **caipira** entrou no meio para separar até que, a torcida adversária soltou um **urubu** em direção ao gramado. Duas crianças entraram no campo e começaram a brincar de **peteca**, eu já sem entender nada fui comprar um **açaí**. O jogo acabou: Flamengo foi campeão da Champions League, e eu fui para casa.



CAÇA PALAVRAS - INDÍGENAS | 2 |

DICIONÁRIO:

Abacaxi (*iuaka'ti*): fruto carnoso, comestível.

Açaí (*iwasa'i*): fruta que chora (devido ao líquido que escorre do fruto).

Caipira (caipora e caapora): indivíduo rústico, mateiro, matuto.

Caju (*aka-yú*): pomo amarelo.

Capim (*kaa'pii = kaá, folha + pií, fino, delgado*): mato de folhas finas.

Capoeira (*ka'a-puera*): roçado, terreno onde já houve roça e que foi retomado pelo mato.

Catapora (*tata-por*): fogo interno, febre. Nome vulgar da varicela.

Goiaba (*a-coyaba*): ajuntamento de caroços, fruto com muitos caroços.

Jabuticaba (*iauoti'kaya*): fruto da jabuticabeira.

Jiboias (*gihi'oiá*): cobra muito grande.

Mandioca (*many'oka*): raiz tuberosa, comestível.

Maracujá (*marahú-yá*): fruta da planta marahú.

Mingau (*mingá-ú*): a papa rala de mandioca cozida.

Peteca (*pé-teca*): bater com a palma da mão, brinquedo de arremesso.

Urubu (*uru'bu ou uru'vu = uru, ave grande + bu ou vu, negro*): pássaro preto.

A	Ç	A	Í	C	N	S	M	N	G	U
I	K	J	I	B	O	I	A	S	O	C
M	C	A	U	H	C	Y	R	U	I	A
A	L	B	M	I	A	Z	A	C	A	J
A	B	U	A	Z	P	C	C	A	B	U
B	P	T	N	C	O	A	U	T	A	M
A	E	I	D	A	E	I	J	A	U	I
C	T	C	I	P	I	P	Á	P	R	N
A	E	A	O	I	R	I	Q	O	U	G
X	C	B	C	M	A	R	E	R	B	A
I	A	A	A	K	V	A	C	A	U	U

CAÇA PALAVRAS – INDÍGENAS | 3 |

AS AVENTURAS DE CAPI, A CAPIVARA

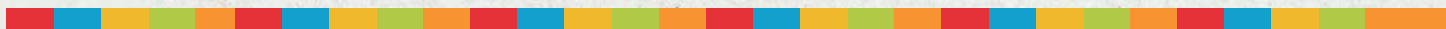
AUTOR: NATHAN MATOS VIANA - TURMA F

Tinha uma **capivara** chamado Capi, ele gostava muito de fazer capoeira em um parque de **Goiás**, só que um dia ele se meteu numa encrenca com o **jabuti** chamado Jabu. Capi não queria brigar com o Jabu, porém o Jabu queria brigar. Então o Capi, com seus conhecimentos de capoeira, bateu tanto no guri que ele fugiu. Porém seus pais ficaram chateados que Capi tenha brigado e por isso ele ficou sem **peteca** e sem **goiaba**, que é seu doce favorito, por um mês. O Jabu pediu desculpas pela briga e eles viraram amigos, até Capi se mudar pro **Amapá**, onde fez novos amigos. Quando ficaram adultos Jabu e Capi se encontraram de novo e continuam sendo amigos até o fim...

UMA VIAGEM ANIMAL

AUTORA: ANDRESSA LIMA FERREIRA DA SILVA - TURMA F

Era uma vez um **urubu** que amava comer amendoim, isso se tornou um vício para ele. Ele morava no **Ceará** com seu amigo **tucano** que amava comer **maracujá**, eles decidiram viajar pelo mundo para fazer amizades novas. Foram para o **Piauí** e lá fizeram amizade com um **tatu**, o qual tinha como esporte favorito a **capoeira**. O urubu e o tucano foram a um lugar que só tinha mato, então ficaram com medo, mas continuaram seguindo em frente. Logo em seguida, eles viram uma coisa enorme no chão, quando foram olhar, viram que era uma **jiboia** muito grande. Eles correram e a **jiboia** entrou no mato, depois disso eles seguiram em frente normalmente.



CAÇA PALAVRAS - INDÍGENAS | 3 |

DICIONÁRIO:

Amapá: (*ama, chuva + paba*): lugar ou morada, o lugar da chuva.

Amendoim: (*manu'ui influenciado pelo vocábulo amêndoa*): fruto comestível que se desenvolve abaixo da terra.

Capivara: (*kaa'pii'üara = kaa'pii, capim + üara, comedor*): animal comedor de capim.

Capoeira: (*ka'a-puera*): roçado, terreno onde já houve roça e que foi retomado pelo mato.

Ceará: (*cemo ará*): ararinha que canta alto.

Goiaba: (*a-coyaba*): ajuntamento de caroços, fruto com muitos caroços.

Goiás: derivado de Goiares ou Guaiases, tribo indígena que existia na região.

Jabuti: (*yauo'tii*): aquele que não bebe, o cágado.

Jiboia: (*gihi'oiá*): cobra muito grande.

Peteca: (*pé-teca*): bater com a palma da mão, brinquedo de arremesso.

Piauí: (*piaby*): rio das piabas, manjuba ou lambari.

Tatu: (*ta'tú*): casco grosso.

Tucano: (*tu'kana*): bico exagerado.

Urubu: (*uru'bu ou uru'vu = uru, ave grande + bu ou vu, negro*): pássaro preto.

A	R	T	J	I	B	O	I	A	Q	C
M	V	U	T	A	T	U	X	F	L	W
A	X	C	U	P	E	T	E	C	A	T
P	A	A	I	I	G	O	I	A	B	A
Á	N	N	A	M	E	N	D	O	I	M
E	G	O	I	Á	S	B	N	C	Y	H
M	Q	M	C	A	P	O	E	I	R	A
P	I	A	U	Í	U	R	U	B	U	I
U	A	V	I	A	J	A	B	U	T	I
E	C	A	P	I	V	A	R	A	D	V
T	H	N	Y	L	C	E	A	R	Á	P

CAÇA PALAVRAS - AFRICANAS | 4 |

NADA MELHOR QUE COMIDA DE MÃE

AUTOR: DANIEL ALVES RAMOS - TURMA: J

Numa bela segunda-feira eu acordei bem **borocoxô**, sem ânimo para nada, nem mesmo para a festa que iria acontecer às 18 horas. Passado algum tempo, decidi ir à festa, mas chegando lá eu fiquei meio **zonzo** e achei melhor voltar para casa, parecia que eu tinha pegado uma **mandinga** porque estava doente.

Minha mãe decidiu fazer uma **abará** para mim, assim como outras comidas, como o **mugunzá**. Com isso, passaram alguns dias eu melhorei. A real foi que eu estava doente, mas logo após eu comer a comida da minha mãe, eu melhorei.

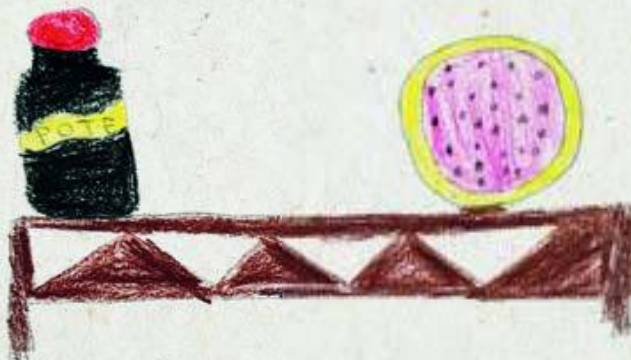


ALMOÇO EM FAMÍLIA

AUTORA: ISABELA ALVES ALEXANDRE - TURMA: J

Minha mãe resolveu fazer um belo almoço na minha casa, com comidas típicas africanas. Ela começou fazendo **mugunzá** que leva milho, e, por isso, ela ama fazer. Minha mãe também decidiu fazer um monte de comidas como: **jabá**, **moqueca**, **quibebe** e **quindim**.

Ela fez um quindim tão gostoso que eu comi tudo, mas o que eu achei mais gostoso foi o **jabá**, porque eu amo carne seca, porém eu não gostei da **moqueca**, porque leva peixe e eu odeio peixe, só o cheiro do peixe me deixa enjoada.



CAÇA PALAVRAS - AFRICANAS | 4 |

DICIONÁRIO:

Abará: (do iorubá *aba-rá*): bolinho envolvido em folha de bananeira e cozido em banho-maria.

Borocoxô: (do quicongo *bolokotó*): molenga, entristecido.

Jabá: (do iorubá *jàbàjábá*): carne-seca; gíria para gorjeta, propina.

Mandinga: (do quicongo *ndinga*): praga, maldição.

Moqueca: (do quimbundo *mukéka*): caldeirada de peixe.

Mugunzá: (do quimbundo *mukunza*): mingau de milho, canjica.

Quibebe: (do quimbundo *kibebe*): papa feita de abóbora.

Quindim: (do quicongo *kénde*): doce feito com gema de ovo, coco e açúcar.

Zonzo: (do quicongo *nzunzu*): pesado, incômodo, tonto, aturdido.

C	L	F	N	T	J	N	L	N	Z	Q
X	R	P	N	R	G	M	I	G	D	D
C	Z	O	H	L	M	A	T	J	N	G
D	S	S	S	G	O	N	U	Q	Q	B
Z	R	M	W	Q	Q	D	W	U	U	O
O	Z	A	U	V	U	I	J	I	I	R
N	G	B	U	X	E	N	A	B	N	O
Z	L	A	B	Q	C	G	B	E	D	C
O	A	R	P	L	A	A	Á	B	I	O
I	I	Á	I	B	P	Z	H	E	M	X
U	W	M	U	G	U	N	Z	Á	Q	Ô

CAÇA PALAVRAS - AFRICANAS | 5 |

TARDE DE DIVERSÃO

AUTORA: MARIA VITÓRIA OLIVEIRA DAMASCENO
TURMA: I

Em uma bela tarde, marquei de sair com minha amiga para ir ao parque de diversão chegando lá, ela falou:

- Mana, eu estou me sentindo estranha, parece que eu quero falar alguma coisa, mas eu não sei o que é...
- Eita! Quer ir embora?
- Não, tá de boa, bora na roda gigante.
- Não sei, estou com mal pressentimento...
- Para de drama, vamos, sim!
- Amiga, está tudo bem?
- Está... **quizomba, abará, zonzó, quibebe, senzala!!!**

Sacudi a minha amiga, e falei:

- Tá doida?? Eu deveria ter escutado a minha intuição...
- Hahaha é brincadeira, só estou falando palavras de origem africanas, depois eu te falo o significado.
- Vamos embora, você está cheia de graça!



QUE VIDA BOA...

AUTOR: VITOR RIBEIRO DE OLIVEIRA - TURMA: G

Hoje eu estava na rua, e minha tia me chamou pra comer **canjica** no **cafófo** dela. Depois eu quis comer um **acarajé**, aí eu perguntei se eu não ia passar mal, ela disse não, então comi. Depois disso tudo, e com a barriga cheia, eu pedi pra ela fazer um **cafuné** em mim, aí eu **cochilei** e dormi.

CAÇA PALAVRAS - AFRICANAS | 5 |

DICIONÁRIO:

Abará: *(do iorubá aba-rá):* bolinho envolvido em folha de bananeira e cozido em banho-maria.

Quibebe: *(do quimbundo kibebe):* papa feita de abóbora.

Zonzo: *(do quicongo nzunzu):* pesado, incômodo, tonto, aturdido.

Quizomba: *(do quimbundo kizomba):* ritmo típico de Angola caracterizado pela batida forte; festa, festejo, alegria, diversão.

Senzala: *(do quimbundo sanzala):* lugar de habitação dos indivíduos de uma mesma família.

Canjica: *(do quimbundo kanjika):* papa de milho verde ralado cozido com leite e açúcar.

Cafofo: *(talvez do quimbundo kifofu):* barraco ou casebre onde se armazenavam os escravos.

Acarajé: bolinho preparado com a massa do feijão-fradinho e frito no azeite de dendê.

Cafuné: *(do quimbundo kifune):* carícia na cabeça de alguém.

Cochilei: *(do quimbundo koxila):* dormir, dormir levemente.

Z	N	A	N	U	C	Q	U	U	I	Z
O	V	C	F	W	O	U	V	Q	R	D
N	Q	A	Y	S	C	I	V	U	T	G
Z	B	F	M	A	H	Z	E	I	A	W
O	E	U	C	B	I	O	M	B	C	C
E	N	N	F	A	L	M	L	E	A	A
G	A	É	Z	R	E	B	C	B	R	N
Y	J	Q	D	Á	I	A	Y	E	A	J
B	Y	L	D	H	O	E	P	B	J	I
C	A	F	O	F	O	W	S	T	É	C
J	T	R	S	E	N	Z	A	L	A	A

CAÇA PALAVRAS - AFRICANAS | 6 |

DIÁRIO DAS FÉRIAS COM A FAMÍLIA

AUTORA: LAURA LORENA CALAZAES
DOS SANTOS LIBERTO - TURMA: J

Querido irmão,

Mais um dia das nossas férias na Angola. Mamãe me levou para visitar nossos tios e primos, quando chegamos lá estava o maior **banzé**, que parou no momento em que nos viram. Foi uma chuva de abraços e comentários do tipo “quanto tempo”, “como você cresceu”.

Ajudaram a levar nossas **muambas** para dentro e ficamos sabendo que haveria uma festa logo mais, porém, antes, nossa prima Joana me levou para buscar água na **cacimba**, a mãe estava muito cansada da viagem e foi **cochilar**.

Chegando à noite nos levaram à festa, aprendi a dançar **quizomba**, uma dança típica de lá, é muito bom! Sério, você tem que vir da próxima vez. Ainda comemos muitos **quitutes**, estava uma delícia!

Volte logo, você não sabe o que está perdendo!

Da sua querida irmã, Letícia!



QUE CONFUSÃO...

AUTOR: BERNARDO ARAÚJO DE FREITAS - TURMA: G

Eu e meu irmão caçula estávamos fazendo muita **bagunça** na rua, até que um **moleque** chegou parecendo um **zumbi**, então eu e meu irmão fomos pro nosso **cafofo** e fomos **cochilar** enquanto nossa **babá** não chegava. Quando ela chegou, acordamos e fomos direto jogar **sinuca**.

CAÇA PALAVRAS - AFRICANAS | 6 |

DICIONÁRIO:

Babá: *(do quimbundo baba):* dar batidas leves para adormecer a criança; mulher que cria o bebê de outra.

Bagunça: *(do quicongo bangula):* desordem, confusão, baderna.

Banzé: *(do quimbundo mãzué):* vozearia, barulho, desordem, confusão.

Cacimba: *(do quimbundo kixíma):* poço cavado até um lençol de água.

Cafofo: *(talvez do quimbundo kifofo):* barraco ou casebre onde se armazenavam os escravos.

Cochilar: *(do quimbundo koxila):* dormir, dormir levemente.

Moleque: *(do quimbundo muleke; do quicongo mu-léeke):* criança, garoto, irmão mais novo.

Muambas: *(do quimbundo muhamba):* cesto comprido usado para transportar cargas em viagem; gíria para contrabando.

Quitutes: *(do quicongo kituuti):* aquele que separa, descasca o grão, por extensão uma iguaria delicada.

Quizomba: *(do quimbundo kizomba):* ritmo típico de Angola caracterizado pela batida forte; festa, festejo, alegria, diversão.

Sinuca: *(do quicongo simuka):* estar impedido, desistir; no jogo de sinuca significa a impossibilidade de atingir diretamente a bola.

Zumbi: *(do quimbundo nzumbi):* espírito perturbado, atormentado.

M	C	A	C	I	M	B	A	M	P	J
O	U	G	B	A	N	Z	É	G	J	W
L	Q	U	I	Z	O	M	B	A	B	S
E	U	C	O	C	H	I	L	A	R	Y
Q	I	S	I	N	U	C	A	U	N	H
U	T	H	W	B	A	G	U	N	Ç	A
E	U	E	B	X	Z	U	M	B	I	O
L	T	R	A	B	C	A	F	O	F	O
Y	E	N	B	K	Y	S	Q	T	L	C
C	S	X	Á	Q	W	Y	J	F	S	T
W	Y	M	U	A	M	B	A	S	G	D

CAÇA PALAVRAS - AFRICANAS | 7 |



UM DIA NA VIDA DO MEU IRMÃO CAÇULA

AUTORA: EMANUELLE BARROS DA SILVA TURMA: F

Hoje, o meu irmão **caçula** acordou e já foi tomar seu café da manhã, que era **canjica**, logo em seguida foi brincar. Ficou brincando até a hora de almoço, que tinha **angu**, **farofa** e de sobremesa **quindim** pra comer. Em seguida foi tirar seu **cochilo** da tarde, quando acordou comeu bolo de **fubá** com café e foi assistir desenhos.

UMA NOITE AGITADA

AUTORA: ANA BEATRIZ FERREIRA MELO - TURMA: J

Maria, às 3 horas da manhã, estava escutando um **banzé**, e foi ver o que estava acontecendo foi quando viu sua babá no escuro tocando **canzá**, ela achou muito estranho, mas acabou voltando a dormir. Maria acordou na madrugada de novo escutando muito **banzé**. Só que dessa vez estava mais alto e ela percebeu que a **babá** não estava muito bem, e acabou descobrindo que a **babá** tinha levado uma **mandiga**.

AGENDA CHEIA

AUTOR: JHONATAN LUAN MANÚ DA SILVA - TURMA: E

Hoje eu acordei com vontade de comer **canjica** no café da manhã e fazer aula de capoeira, quero aprender a tocar o atabaque e o berimbau. Depois da aula, eu e meus amigos iremos passear no shopping e jogar **sinuca**, pensamos em passar em um restaurante que tem churrasco com vários tipos de **farofa** e **quitutes**.

CAÇA PALAVRAS - AFRICANAS | 7 |

DICIONÁRIO:

Angu: pirão ou papa de farinha de milho, arroz, mandioca ou banana.

Babá (*do quimbundo baba*): dar batidas leves para adormecer a criança; mulher que cria o bebê de outra.

Banzé (*do quimbundo mãzué*): vozearia, barulho, desordem, confusão.

Caçula (*do quimbundo kazuli*): o último da família ou o mais novo.

Canjica (*do quimbundo kanjika*): papa de milho verde ralado cozido com leite e açúcar.

Cochilo: (*do quimbundo koxila*): dormir, dormir levemente.

Farofa: (*do quimbundo falofa*): mistura de farinha de mandioca ou de milho com gordura.

Fubá: (*do quimbundo mfuba*): farinha de milho ou arroz.

Canzá: (*do quimbundo dikanza*): reco-reco de bambu.

Mandiga: (*do quicongo ndinga*): praga, maldição.

Quindim: (*do quicongo kénde*): doce feito com gema de ovo, coco e açúcar.

Quitutes: (*do quicongo kituuti*): aquele que separa, descasca o grão, por extensão uma iguaria delicada.

Sinuca: (*do quicongo simuka*): estar impedido, desistir; no jogo de sinuca significa a impossibilidade de atingir diretamente a bola.

X	L	M	K	W	O	T	D	S	C	M
C	Z	K	P	P	A	N	G	U	A	A
Q	Q	U	I	T	U	T	E	S	Ç	N
U	F	A	R	O	F	A	P	B	U	D
I	Z	B	A	N	Z	É	C	A	L	I
N	Y	G	P	I	C	H	A	B	A	G
D	S	I	N	U	C	A	N	Á	C	A
I	B	A	F	N	D	Z	J	R	W	F
M	O	C	C	O	C	H	I	L	O	U
E	K	K	U	S	M	P	C	I	J	B
S	F	C	A	N	Z	Á	A	T	R	Á

FICHA TÉCNICA – LISTA DE ALUNOS

TURMA A:

Ana Beatriz Rodrigues
 Anna Jeniffer Medeiros
 Arthur Manuel Moraes
 Ashley Pereira
 Beatriz Lúcio Teixeira
 Davi Miguel Nogueira
 Diego Sousa
 Enzo Miguel dos Santos
 Gabriel dos Santos
 Grazielly da Silva
 Juan Pablo De Sousa
 Kauane Silva
 Lara Maria Costa
 Leandro Nunes
 Leonardo dos Santos
 Loreнна Victória Gomes
 Lucas Matheus Oliveira
 Luiz Felipe Barros
 Luiz Vinicius Silva
 Lunna Conceição
 Maria Clara Sena
 Maria Eduarda Silva
 Nicoly Gabriel de Oliveira
 Safira Costa

Turma B:

Antônia Brenda Moraes
 Arthur Guilherme Guimarães
 Davi Amorim Martins
 Davi Lucas dos Santos
 David Marcelo Trajano
 Deyverson Ramos
 Edson Nunes
 Esther Da Silva
 Gustavo Leonan Constantino
 Jefferson Gustavo Sena
 Jenifer Silva
 José Davi Paiva

Karolayne Sonsiné
 Luan Silva
 Lucas Da Silveira
 Lucas Felix Nunes
 Luciana Gomes
 Manuela Victória Ferreira
 Maria Clara Marques
 Maria Emanuella Ponciano
 Maria Fernanda Silva
 Paulo Emanuel de Oliveira
 Rennan Gabriel Araújo
 Riquelme Hugo Magalhães
 Sabrina Verônica dos Santos
 Sophia Costa Benjamin
 Valentina Alves

Turma C:

Alice Miranda
 Anne Dos Santos
 Antonio Carlos Monteiro
 Arthur Freire
 Aysha Maria Gonçalves
 Carlos Daniel Souza
 Cristhian Fernando da Silva
 Daylla Emanuelle Tavares
 Diego Gomes Peçanha
 Geovanna Lima
 Henrique Fernando de Castro
 Hisadora Gomes
 Isabelle Vilaça
 Jhonatha Da Silva
 Joana Valentina Oliveira
 João Arthur Lima
 Juan Carlos Sena
 Lavynnia Firmino
 Lorena Rodrigues

Lucas Miguel Avelino
 Manuella Maria Ferreira
 Maria Eduarda Miranda
 Maria Vitoria de Farias
 Ruan Dos Santos
 Samyra Gomes
 Sophia Martins
 Welisson Candido
 Yago Leal
 Yasmin Victória Ribeiro
 Yuri Samuel Tome

Turma D:

Adryel Victor Santos
 Alan Santos
 Anna Julia da Silva
 Carlos Eduardo Rosario
 Davi Moura
 David Luca Sena
 Eduardo Israel Borges
 Erick Levi Guimarães
 Evelyn Vitoria Nascimento
 Gabriela de Oliveira
 Guilherme Rodrigues
 Helias Rodrigues
 Isabelly Sanches
 Ivillis Maria Rita Moraes
 João Lucas Alves
 Kezia Vitoria Gonçalves
 Lorrán Gabriel da Silva
 Maria Alessandra da Silva
 Maria Sophia Medeiros do Nascimento
 Micaelly Alves
 Miguel Bernardo Silvestre
 Miguel Ribeiro
 Monica Ferreira
 Nathan Rafael Ferreira
 Pedro Aguida
 Sofia Bezerra
 Vitória Moura
 Yan Douglas de Oliveira

Turma E:

Alexsander Jhuniór Lima
 Arthur de Moraes
 Brenda Aparecida
 Carlos Henrique Ferreira
 Davi Barbosa
 Estefany Ellen da Silva
 Evelyn Ketely Dinivo
 Geovanne Lima
 Jhonatan Luan Manu
 Julberto Dayves
 Kayque Mesquita
 Lorrany Santos
 Luis Fabiano José
 Maria Alice Sonsine
 Maxsuel da Silva
 Miguel Moraes
 Pietro Gabriel de Santana
 Sara Vitoria Menezes

Turma F:

Alex Araujo Teixeira
 Andressa Lima
 Bernardo Soares
 Diego Dos Santos
 Douglas Lopes
 Edson Luis Barros
 Gabriele Ponciano
 João Pedro Silva
 Kauã Rodrigo Araujo
 Kayky Araujo
 Lauro Célio Sportitsch
 Lucas Candido
 Luis Fabiano Melquiades
 Luis Guilherme Barros
 Luiz Eduardo dos Santos
 Miguel Pereira
 Miguel Riquelme Veiga
 Nathan Matos
 Rickelme Renan
 Robert Felis
 Suzane Bernardo
 Victoria Martinez
 Vinicius Gabriel Costa

Turma G:

Alexandra Martins
Allan Manoel Pinto
Aryane Cruz
Aylla Ketley Sena
Bernardo Araujo
Bernardo de Sousa
Cristian Silva
Daniel Bandeira
Daniel Felipe de Araujo
Emanuelle Barros
Gabriel Ponciano
Holiver Alves
Isabelle do Nascimento
Jennyfer do Nascimento
Leticia de Weck
Luis Miguel Reis
Mauricio Santos
Nicolas Barbosa
Vitor Ribeiro

Turma H:

Ana Beatriz da Silva
Anna Luiza Rodrigues
Arthur Benicio
Brenda Andrade
Caio Roberto da Silva
Daniel Cardoso
Dõminy César Lima
Emanuelle Pereira
Gadiel Costa
Guilherme Jacque
Gustavo Ponciano
Isabelly Caetano
Itapua Silva
Joao Vitor Sousa
Joyce Santana
Karina Lua Lucena
Kayo Barbosa
Leticia da Costa
Levy Sampaio
Luana Grazielle
Luiz Henrique Sales
Maria Alice Alves

Micael da Silva
Miguel Souza
Pietro dos Santos
Pietro Santos
Rafael Sousa
Rafael Souza
Raquel de Oliveira
Rian Barbosa
Vitória da Silva
Yasmim Leal da Silva
Ysadora Moraes

Turma I:

Alexssandro de Sousa
Allan Pierry de Moraes
Ana Kelly Nunes
Ana Klara Nunes
Ana Laysa Angelo
Emanuel Braz D
Gabriel da Silva
Gabriele Vitória Ribeiro
Guilherme Henrique
Cabral
Isabele Santos
Jennyfer Victoria
de Souza
Kauanny Gonçalves
Kayke Sales
Kayke Silvestre
Ketlyn Lorrany da Silva
Laura Lorena Calzaes
Leonardo Anderson
Manú
Maria Alice da Cunha
Maria Analia Braz
Maria Eduardada Silva
Maria Juliana Santos
Maria Vitoria Oliveira
Mariana Marques
Matheus Caterinque
Miguel Silveira
Nicole Barbosa
Rafaela Andrade
Ruan Pablo Pinto

Ryan Menezes
Sarah Victoria Cabral
Yasmim Gabriel da Silva
Yuri Leal

Turma J:

Ana Beatriz Ferreira
Andriel da Costa
Arthur Toquer
Bryan Braz
Camilly Victoria de Lima
Carlos Daniel Neves
Cesar Leandro Barros
Daniel Alves
Diane Pires
Emily Rodrigues
Gabrielly Rodrigues
Guilherme Souza
Gustavo Brito
Isabela Alves
Kaio Lucas Andrade
Larissa de Oliveira
Lucas Marques
Marcus Vinícius Ferreira
Miguel Daniel Moraes
Nathan Ribeiro
Nicole Cordeiro
Pedro Henrique Gouvêa
Pedro Lucas da Silva
Pietro Oliveira
Sophia Nunes
Swetlana Vinel
Viviana Honorio
Walter Kaue da Silva



COLABORADORES:

Alan Pereira Martins da Silva
 Augusto Mota
 Barbara Pinheiro Pires
 Beatriz Cristina Viera
 Brenda da Silva De Sousa
 Bruno Wanderson da Costa Fernandes
 Camilla Barbosa Oliveira
 Carina Da Silva Dos Santos
 Carlos Albano Gonçalves
 Fonseca Pinto
 Carlos Eduardo Martins
 de Lima Do Nascimento
 Carolina Ponciano da Costa
 Ceu Monteiro Camara
 Crislaine Maciel de Lima
 Cristiane Barbosa Barreto
 Cristiane Rosendo Reis
 Cyntia Gomes
 Damasceno Basílio
 David das Neves Pereira
 Eduarda Arruda Carvalho
 Elenise Barbosa Silva Restier
 Eliane Valeria Curssu
 Elisiane Vieira Dos Santos de Sousa
 Erica Cavalcante de Rezende
 Ester Flor Geminiano Franco
 Estevão do Nascimento Neto
 Fabio de Jesus Oliveira
 Felipe Pitaro Ramos
 Fernanda Clara de Oliveira da Silva
 Fernanda Guimaraes Franco
 Francisco Maxell Lopes de Sousa
 Gabriel Alves da Silva
 Gabriel Magalhaes
 Rodrigues Coelho
 Geovania Da Silva Andrade
 Guideon De Aquino Santos
 Hilberto De Carvalho Sousa
 Igor Silva Fernandes
 de Almeida Velho
 Joiceane Eugenia
 Lopes da Silva
 Jonatan Fernandes de Almeida

Jorge Felipe Freitas
 Jorge Gabrielli Carvalhido
 Jorge Marcio do Nascimento
 Karina Avelar da Silva
 Karoline Martins de Assis da Silva
 Lara Reginatto de Souza Menezes
 Larissa Sena De Jesus
 Laura Maria Araujo Bernardo
 Leandro Alves Cardozo
 Letícia Alves Silva Francisco
 Luã Almeida da Silva
 Lucas da Costa Martins
 Luciano Nunes Cardoso
 Ludmila de Oliveira do Nascimento
 Luiz Augusto Ribeiro Duarte
 Marcella dos Santos Alves
 Marcelo Vilela da Silva
 Maria Antonia Domingues
 de Araujo
 Maria Eduarda Gonçalves de Paula
 Matheus de Paula Souza
 Matheus Vieira da Cruz
 Midori Hayama
 Monique de Oliveira Leal
 Natasha Sholl Schneider
 Nayla de Souza Oliveira
 Nicole Villar de Souza
 Raimundo Claudino da Silva
 Raíza Caroline de Oliveira Leal
 Raquel Souto Guimarães Vellozo
 Renato Alexandre Pereira
 Renato Restier
 Renê Santos Carvalho da Silva
 Rodrigo Alves de Souza
 Rodrigo Bezerra da Silva
 Sandy Lara Pereira dos Anjos
 Sara Monteiro da Silva
 Severino Ramos da Silva
 Silvania Da Conceição da Silva
 Silvania Tavares Ferreira Barros
 Silvia Maria Ribeiro
 Tathiane dos Santos Vitorino
 Thais dos Santos Marques
 Thaya Pereira

Vanessa Ferreira de Oliveira
 Viviane da Conceição dos Santos
 Wallace Mateus da Silva Oliveira
 Wesley da Silva Batista
 de Albuquerque

Gerente da unidade:

Felipe Pitaro Ramos

Coordenação pedagógica:

Crislaine Maciel de Lima
 Elisiane Vieira dos Santos
 de Sousa
 Gabriel Magalhães
 Rodrigues Coelho

Editoras executivas:

Elenise Barbosa S. Restier
 Joiceane Eugenia Lopes

**Assistentes de edição,
organização e revisão:**

Eduarda Arruda Carvalho
 Wesley da Silva Batista
 de Albuquerque

Monitoras e monitores:

Allan da Silva Marinho
 Ana Beatriz Alves Alexandre
 Ana Clara dos Santos da Silva
 Arthur Horácio Paulino
 Everton Paulino Silva
 Francisco Evandro Martins
 dos Santos
 Hirlan Ribeiro Vilela
 Kamilly Vitória Gonçalves Calixto
 Karolyna Bezerra da Silva
 Kauã Oliveira Damasceno
 Letícia Martins de Oliveira
 Maria Eduarda da Silva Martins
 Matheus Martins Silva
 Patryck Caterinque da Conceição
 Raylane Vitória da Silva
 Fernandes
 Salviane Ianiê Medeiros da Silva
 Talita Santos Saraiva
 Thainá Teles Torres
 Waleska Vital Casemiro
 Yuri Farias de Souza



SOLUÇÃO - CAÇA PALAVRAS

INDÍGENAS | 1 |

H	J	G	O	I	A	B	A	A	N	X	W
G	A	O	P	D	G	J	I	L	K	K	D
P	C	J	A	B	U	T	I	C	A	B	A
E	A	M	Ç	S	R	P	M	C	R	P	U
R	R	A	O	A	I	E	U	M	F	E	M
N	É	R	C	B	Z	R	R	O	G	R	I
A	H	A	A	I	D	E	I	Q	B	E	N
M	R	C	G	Á	S	B	Ç	U	E	R	G
B	E	U	N	G	D	A	O	E	I	E	A
U	R	J	T	O	C	E	C	C	J	C	U
C	F	Á	I	A	N	M	A	A	U	A	V
O	G	U	A	P	I	M	I	R	I	M	H

INDÍGENAS | 2 |

A	Ç	A	Í	C	N	S	M	N	G	U
I	K	J	I	B	O	I	A	S	O	C
M	C	A	U	H	C	Y	R	U	I	A
A	L	B	M	I	A	Z	A	C	A	J
A	B	U	A	Z	P	C	C	A	B	U
B	P	T	N	C	O	A	U	T	A	M
A	E	I	D	A	E	I	J	A	U	I
C	T	C	I	P	I	P	Á	P	R	N
A	E	A	O	I	R	I	Q	O	U	G
X	C	B	C	M	A	R	E	R	B	A
I	A	A	A	K	V	A	C	A	U	U

INDÍGENAS | 3 |

A	R	T	J	I	B	O	I	A	Q	C
M	V	U	T	A	T	U	X	F	L	W
A	X	C	U	P	E	T	E	C	A	T
P	A	A	I	I	G	O	I	A	B	A
Á	N	N	A	M	E	N	D	O	I	M
E	G	O	I	Á	S	B	N	C	Y	H
M	Q	M	C	A	P	O	E	I	R	A
P	I	A	U	Í	U	R	U	B	U	I
U	A	V	I	A	J	A	B	U	T	I
E	C	A	P	I	V	A	R	A	D	V
T	H	N	Y	L	C	E	A	R	Á	P

AFRICANA | 4 |

C	L	F	N	T	J	N	L	N	Z	Q
X	R	P	N	R	G	M	I	G	D	D
C	Z	O	H	L	M	A	T	J	N	G
D	S	S	S	G	O	N	U	Q	Q	B
Z	R	M	W	Q	Q	D	W	U	U	O
O	Z	A	U	V	U	I	J	I	I	R
N	G	B	U	X	E	N	A	B	N	O
Z	L	A	B	Q	C	G	B	E	D	C
O	A	R	P	L	A	A	Á	B	I	O
I	I	Á	I	B	P	Z	H	E	M	X
U	W	M	U	G	U	N	Z	Á	Q	Ô

SOLUÇÃO - CAÇA PALAVRAS

AFRICANA | 5 |

Z	N	A	N	U	C	Q	U	U	I	Z
O	V	C	F	W	O	U	V	Q	R	D
N	Q	A	Y	S	C	I	V	U	T	G
Z	B	F	M	A	H	Z	E	I	A	W
O	E	U	C	B	I	O	M	B	C	C
E	N	N	F	A	L	M	L	E	A	A
G	A	É	Z	R	E	B	C	B	R	N
Y	J	Q	D	Á	I	A	Y	E	A	J
B	Y	L	D	H	O	E	P	B	J	I
C	A	F	O	F	O	W	S	T	É	C
J	T	R	S	E	N	Z	A	L	A	A

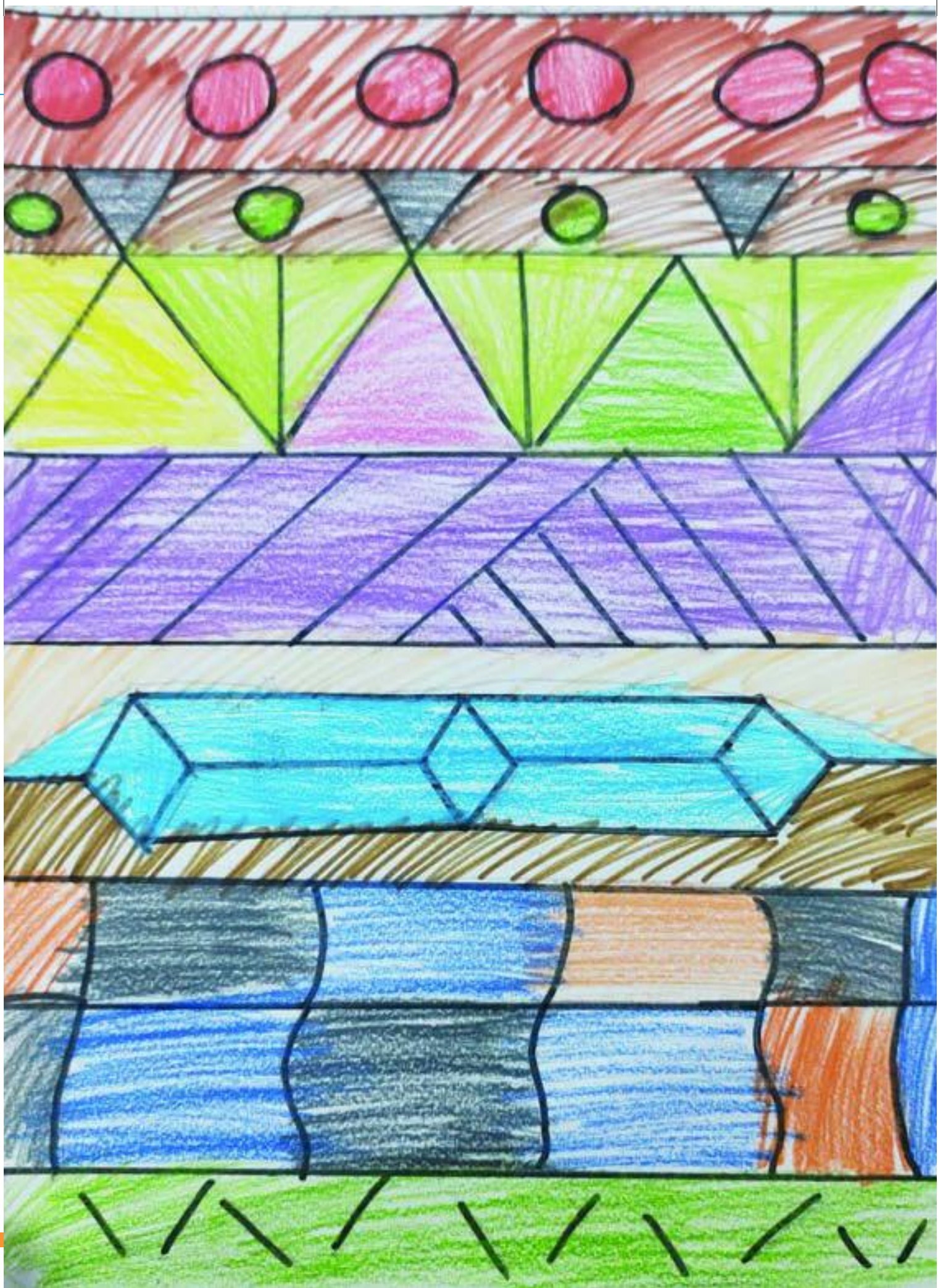
AFRICANA | 6 |

M	C	A	C	I	M	B	A	M	P	J
O	U	G	B	A	N	Z	É	G	J	W
L	Q	U	I	Z	O	M	B	A	B	S
E	U	C	O	C	H	I	L	A	R	Y
Q	I	S	I	N	U	C	A	U	N	H
U	T	H	W	B	A	G	U	N	Ç	A
E	U	E	B	X	Z	U	M	B	I	O
L	T	R	A	B	C	A	F	O	F	O
Y	E	N	B	K	Y	S	Q	T	L	C
C	S	X	Á	Q	W	Y	J	F	S	T
W	Y	M	U	A	M	B	A	S	G	D

AFRICANA | 7 |

X	L	M	K	W	O	T	D	S	C	M
C	Z	K	P	P	A	N	G	U	A	A
Q	Q	U	I	T	U	T	E	S	Ç	N
U	F	A	R	O	F	A	P	B	U	D
I	Z	B	A	N	Z	É	C	A	L	I
N	Y	G	P	I	C	H	A	B	A	G
D	S	I	N	U	C	A	N	Á	C	A
I	B	A	F	N	D	Z	J	R	W	F
M	O	C	C	O	C	H	I	L	O	U
E	K	K	U	S	M	P	C	I	J	B
S	F	C	A	N	Z	Á	A	T	R	Á







APOIO

